

REDES SOCIAIS NA INTERNET: OUTROS MODOS DE SER ESTUDANTE E PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE

MARGARITES, Ana Paula Freitas¹;
SPEROTTO, Rosária Ilgenfritz²

¹Mestrado em Educação / UFPel – anamargarites@gmail.com

²Faculdade de Educação / UFPel – ris1205@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta reflexões elaboradas a partir de uma pesquisa realizada no ano de 2010, que buscava acompanhar as interações, nas Redes Sociais da Internet, entre professor e alunos dos cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas. O estudo problematiza acerca dos processos de produção de subjetividade engendrados nas interações que ocorriam nos Blogs das disciplinas, nos perfis no *Facebook* e no *Twitter*.

Ao privilegiar aqui a noção de produção de subjetividade, busca-se considerar a ideia de um sujeito que já não corresponde mais ao sujeito clássico, de razão e de vontade, fonte de suas representações e de seus atos. Para tanto, parte-se de algumas proposições teóricas de FOUCAULT (2006, 2006b), GUATTARI (1992), ROLNIK (2007) e DELEUZE (1992), considerando que as subjetividades não são dadas, mais produzidas em diversas instâncias e geridas por uma infinidade de máquinas, constituindo-se incessantemente de forma intercambiável, mutante e múltipla. Uma vez que os modos de subjetivação modificam-se através da história, o sujeito que se produz hoje é diferente do que se produziu em qualquer outro momento histórico. Para GUATTARI (1999, p. 177), não se pode deixar de considerar a “influência invasiva da assistência por computador”, que, no entanto, não deve ser demonizada, uma vez que tais máquinas não passam de formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos da própria subjetividade. Assim, tanto professores quanto estudantes são atravessados e marcados por um dado contexto social que a todo instante define e redefine os papéis destes sujeitos e as relações entre eles.

A partir de tais considerações, coloca-se a seguinte questão: que sujeitos são estes, alunos e professores, que se formam e se transformam nas interações através das redes sociais da internet?

2. MATERIAL E MÉTODOS

Após o estabelecimento de trilhas a serem percorridas a partir de um amplo levantamento bibliográfico¹, partiu-se para a etapa de coleta de dados no campo. O primeiro passo consistiu na aplicação de um questionário *online*, onde se buscou identificar os atuais usos dos sites de Redes Sociais por parte de alunos e professores dos cursos investigados. O momento seguinte da coleta de dados consistiu no acompanhamento das interações entre um professor (que já utilizava diversas ferramentas para comunicar-se online com seus alunos) e três turmas de

¹ Tal levantamento priorizou os conceitos de produção de subjetividade (GUATTARRI, 1999; DELEUZE, 1992) e redes sociais na internet (RECUERO, 2009)

estudantes (cada uma formada por cerca de 20 alunos). Tal acompanhamento foi realizado através de observação das interações entre professor e alunos em três diferentes sites de redes sociais: *Twitter*, *Facebook* e *Tumblr*. As mensagens e as publicações realizadas pelos sujeitos nestas redes passaram, então, a constituir o corpus a ser analisado.

Neste ponto, surge a preocupação em identificar um “modo de olhar” que dê conta de compreender diferentes nuances da vida social online. Fazendo eco à consideração de FOUCAULT (2008, p. 160) quanto ao entendimento de que o método deve operar como “uma maneira de fazer o suporte das coisas girar pelo deslocamento de quem as observa”, utiliza-se aqui a cartografia como prática para conhecer o campo estudado.

DELEUZE; GUATTARI (1995) não estabelecem a cartografia como um método de pesquisa com etapas estanques e procedimentos a serem seguidos, mas como um modo de olhar que questiona o modelo dominante de produção de saberes. Assim, a cartografia não se caracteriza como um conjunto de procedimentos, mas principalmente como um modo de abordar os “achados” desta pesquisa. ROLNIK (2007) define o trabalho do cartógrafo como sendo o de “dar língua para afetos que pedem passagem” (pg. 65). Para a autora, o cartógrafo é alguém que está necessariamente mergulhado nas intensidades do tempo em que vive e, “atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago” (pg. 66). Torna-se necessário, neste processo, não ter “o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo”; por isso, o pesquisador serve-se das fontes mais diversas; aportes teóricos, posts em blogs, músicas, tweets, filmes, conversas. O cartógrafo está sempre em busca de quaisquer elementos que possam fornecer pistas, rastros que possam vir a compor suas cartografias, e que respondam à pergunta: que sujeito é este?

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por Site de Rede Social, entende-se aqui uma forma de comunicação mediada pelo computador que permite a “visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *offline*.” (RECUERO, 2009, p.19). Destacam-se, neste novo sistema de referência, alguns elementos que servem como pontos de entrada; no caso específico do corpus desta investigação, despontam as novas relações com o espaço e o tempo e também os novos modos de compartilhamento possibilitados pelas redes.

Através das Redes sociais, estudantes e professores compartilham um espaço onde as diferenças geográficas e temporais perdem importância, como nos seguintes diálogos através do *Twitter*:

@estudante: já tem as notas?

@professor para @estudante: já. mas quero falar com "ustedes" pessoalmente, como fiz com a turma de hoje. guentem as pontas até terça. :)

@estudante para @professora: professora online, me dá uma luz? existe branco na pantone solid coated? :s

@professora para @estudante: peraí. explica o que tu tá querendo, meu caro. email me.

Tais possibilidades, que estendem o tempo e o espaço da sala de aula, também instituem outro ritmo de trabalho a quem se atreve a explorá-las:

@professora atenção alunos de D.I.: estou fechando as médias. em breve notas discriminadas no email. dúvidas, email me. #designdainformação

@estudante para @estudante2 e @professora: professora e seus anexos invisíveis! OPKAOPA que moderno

@professora para @estudante e @estudante2: dêem um desconto pra teacher cansada... hehehe já tá lá :)

A liberdade de compartilhamento possibilitada pelos sites de Redes Sociais, no entanto, entra em conflito com outras questões importantes: ainda que nas redes a comunicação pareça fluir de forma horizontal, as relações de poder (Foucault, 1979) se manifestam através do "resguardo" dos sujeitos com relação a certos tipos de comentários:

@estudante O problema de seguir professor no twitter é que tu não pode xingar muito! Um abraço pro #professor pelos notões!

@professora para @estudante hahahahahaah! pode xingar. eu finjo que não li. ocá? ;)

Para os sujeitos desta investigação, o professor criou um blog coletivo para cada uma das três disciplinas pelas quais era responsável, optando pela utilização da ferramenta que julgou a mais simples à disposição: o *Tumblr*, uma versão simplificada de ferramentas como o popular *Blogger*. Entre o material compartilhado nos *Tumblrs* das turmas, destacam-se as "continuações de conversas": alunos e professor usam tal espaço como uma "nota à margem" da aula, compartilhando referências que se relacionam com o que foi discutido na universidade.

"Mais informações sobre os chapbooks

Dos quais falamos na aula sobre capas de livros infantis. Dica da Estudante1. Cliquem nas imagens para ver a imposição das páginas nos cadernos."

– Postado no blog da turma pela professora.

Além das postagens diretamente relacionadas ao conteúdo da disciplina, aparecem outros compartilhamentos. Assim, surgem convites para festas do curso, chamadas para assembleias estudantis e links de referências relacionadas às outras disciplinas do curso, como na publicação a seguir:

"TREG

<http://www.isabelarodrigues.org/allillust.html>

artista que eu trouxe para aula de TREG, por favor comunidade, todo mundo colocando o link de quem trouxe! essa menina é formada pelo cefet em desenho industrial, e agora trabalha na santa motion em porto.

beijocas!"

- Postado no blog da turma por estudante.

Os "compartilhamentos" supracitados mostram algumas das diferentes possibilidades, formas, hábitos, velocidades e conexões através das quais os estudantes relacionam-se com seu campo de estudo. Tais sujeitos não percebem sua formação profissional enquanto estanque e esquadrinhada em diferentes áreas de conhecimento, mas como uma rede onde todos os pontos podem levar a

outros pontos. Assim, sentem-se à vontade para apropriar-se e compartilhar todo tipo de “matéria” com inúmeras possibilidades de hibridações e conexões, sempre prontos a devorar o que lhes parece um novo elemento possível para a composição de seus singulares modos de vida.

4. CONCLUSÕES

A partir das interações entre estudantes e professores observadas neste estudo, considera-se que as redes sociais na internet podem favorecer o surgimento de outros modos de “formar-se” enquanto sujeito, professor, aluno, profissional. As redes abrem espaço para diferentes possibilidades de colaboração e compartilhamento, desencadeando constituições de novas subjetividades e outros modos de vida; ao mesmo tempo, o “estar em rede” imprime um ritmo diverso às vidas dos que se conectam, dissolvendo as relações geográficas e temporais que estabelecemos até então.

Entre tantas modificações, cabe um questionamento: em meio à produção massiva em nível mundial de certos modos de ser, é possível pensar em produzir subjetividades singulares, que escapem às modelizações dominantes neste mundo hiperconectado?

Percebe-se aqui que os estudantes em questão têm uma relação diferenciada com seus colegas, professores e seu próprio processo de formação. Enquanto o design é uma profissão muitas vezes exercida individualmente, os estudantes praticam sua formação de forma coletiva, dividindo suas referências e sua produção com os colegas e com quem mais se interessar por tomar parte neste processo. Talvez as redes, ao mesmo tempo que impõem determinados modos de ser, também ofereçam brechas para a constituição de outros modos de vida: afinal de contas, é sempre possível atrever-se a singularizar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 10ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2 - O Uso dos Prazeres**. São Paulo: Editora Graal, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População – Curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, Felix. **Da Produção de Subjetividade**. In: PARENTE, A. (org.) *Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual*. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um Novo Paradigma Estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2007.